



USO DE MASCOTES PARA POPULARIZAÇÃO DO SOLO

Adriana de Fátima Meira Vital ¹

Marta Tamires Farias Dourado²

Vanessa dos Santos Gomes ³

RESUMO

As mascotes são muito apreciadas em diversos segmentos pois contribuem para oferecer uma recepção calorosa e promover a identificação das pessoas com a proposta do projeto ou empreendimento. O trabalho objetiva descrever a criação das mascotes que compõem o Projeto Solo na Escola/UFCG e o Programa de Ações Sustentáveis para o Cariri (PASCAR), ações extensionistas de popularização do solo, alocadas no campus da Universidade Federal de Campina Grande em Sumé (PB). A criação das mascotes fez parte de um concurso com estudantes das escolas públicas e privadas do município de Sumé e de uma seleção interna no grupo de estudos Educação em Solos do campus. A proposta resultou na criação de duas mascotes: a do PASCAR foi desenhada por uma estudante do ensino médio, representando uma minhoca caracterizada como personagem típico do Cariri, com seu traje de sertanejo, cujo nome foi idealizado por outra estudante. Já a mascote do Projeto Solo na Escola/UFCG foi idealizada por um bolsista do projeto tendo por base o perfil do Luvissoleto, solo característico da região caririzeira do Estado da Paraíba, descrito no Sistema Brasileiro de Classificação de Solos. Após a criação as mascotes receberam nomes e passaram a ser usadas em posters, painéis e expositores, compondo publicações, sendo transformadas em fantoche, como personagens do Teatrinho do Solo, ferramenta pedagógica do Projeto Solo na Escola/UFCG que dialoga sobre conservação, fertilidade do solo e agroecologia nas escolas e comunidades rurais.

Palavras-chave: Educação em Solos, Personagem, Identidade, Lúdico.

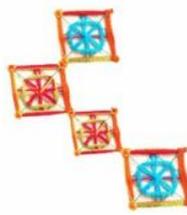
INTRODUÇÃO

As grandes transformações e mudanças provocadas pelas ações antrópicas no ambiente natural promoveram sérias alterações que se refletem na qualidade ambiental e

¹ Doutora pelo Curso de Ciência do Solos da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, professora do CDSA/UFCG vital.adriana@gmail.com;

² Especialista em Educação pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, martatamyres@hotmail.com;

³ Mestre em Ciência do Solo pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, vanessa.gestao.ifpb.@gmail.com.



de vida de todos e estes assuntos devem ser amplamente discutidos em sala de aula, de maneira atrativa e instigadora.

Ao pensar os recursos naturais, muito pouca atenção tem sido dada ao solo, base da vida no planeta, cujos serviços ecossistêmicos são responsáveis por manter o equilíbrio ambiental e promover o bem estar humano e a segurança alimentar. Tal situação concorre de forma muito séria para o agravamento dos processos de degradação e erosão (MUGGLER et al, 2006; LIMA, 2005) sendo urgente a busca por atividades que visem despertar a consciência pedológica, o sentimento de afetividade e respeito pelo solo (VTAL; SANTOS, 2017).

A abordagem sobre o tema solos em sala de aula é uma maneira de oportunizar a popularização da preocupação com este recurso natural, permitindo que os envolvidos possam desenvolver um conjunto de valores que direcionem suas ações, a partir do entendimento de que os impactos negativos do homem sobre o meio ambiente resultará no comprometimento de sua sobrevivência. Contudo deve ser priorizada a utilização de técnicas que introduzam o tema solo de forma a chamar atenção com brincadeiras, fazendo da sala de aula um espaço divertido auxiliam na aprendizagem, já que dessa forma o conteúdo é melhor assimilado.

De modo geral, na educação fundamental e média, os estudantes não tem acesso a informações corretas tecnicamente, úteis ou adequadas à realidade brasileira, o que pode ser evidenciado nas deficiências e falhas existentes nos materiais didáticos disponíveis. Os professores, por outro lado também não visualizam normalmente o solo como um importante elemento da paisagem, e o ensino de solos, quando existe, torna-se mecânico e sem utilidade para o aluno.

É fundamental o estabelecimento de projetos que levem às comunidades o estudo do solo, a aquisição e disseminação de informações sobre o papel que o mesmo exerce, e sua importância na vida. Crianças e jovens bem preparados na escola, terão o poder de transformar o dia-a-dia de desigualdades, individualismo, violência e exclusão em um futuro no qual a democracia e a solidariedade serão respeitadas e propagadas continuamente. Comportamentos ambientalmente corretos devem ser aprendidos na prática, no cotidiano da vida escolar, contribuindo para a formação de cidadãos responsáveis (SANCHES MORA, 2003).



No que se refere ao processo educativo escolar, ainda existem lacunas importantes que necessitam de ajustes para que uma formação significativa e transformadora da realidade. Abordar de forma contextualizada conteúdos didáticos é fundamental para a aquisição de conhecimentos, considerando a formação da cidadania ativa. No ensino de tema solos, por exemplo, conhecer e compreender informações do papel que o mesmo exerce na natureza e sua importância na vida de todos os seres, é essencial fazer uso de recursos que aproximem os educandos, pois a disseminação dessas informações é condição primordial para sua proteção e conservação, e garantia da manutenção de meio ambiente sadio, da segurança e soberania alimentar e da qualidade de vida de todos.

As mascotes podem ajudar como veículo dessa tradução antropomórfica da marca para o consumidor. Uma razão para isso é porque as mascotes adotam o poder do reconhecimento (BROWN, 2011), que é usado para entender e processar as experiências que acontecem em nossas vidas diárias. Embora se possa supor que as mascotes da marca seriam um pouco atraídas por sua aplicação massiva no marketing de hoje, o uso de caracteres antropomórficos para alcançar o reconhecimento da marca permanece popular.

O termo se origina da palavra francesa "mascotte" que significa amuleto da sorte. Silva (2008) argumenta que a mascote é um recurso criativo capaz de atrair a atenção de todas as faixas etárias, podendo ser utilizadas em vários tipos de publicidade, nomeadamente como campanhas políticas, campanhas de conscientização para a saúde, no esporte e lançamento de novos produtos bem como em marcas para projetos e programas. Para Higgs et al (2007) as mascotes são personagens fictícios que criam laços de empatia.

Mascotes se tornam uma boa interconexão nas atividades educativas, podendo servir bem como um elemento básico de comunicação e interação, sobretudo porque o cérebro humano funciona de maneira a fazer perceber as imagens mais rapidamente e as lembramos melhor do que o texto.

Para funcionar bem na proposta de relacionar seus atributos e características com o público, uma mascote deve ser: memorável, reconhecível, original, representando um personagem consistente, flexível para adaptar e ajustar, aplicável para diversas tarefas, boa aparência em diferentes tamanhos e resoluções, estilisticamente harmônico, animada e fácil de usar.



As mascotes podem ser muito bem aproveitadas nas atividades pedagógicas, buscando estabelecer conexões e despertar a sensibilidade e a reflexão dos estudantes para os problemas referentes ao solo, considerando o processo educativo no sentido de uma formação significativa e proativa, despertando valores e potencializando atitudes e habilidades, observando problemas e pesando soluções.

Nesse contexto, o trabalho objetiva descrever a criação das mascotes que compõem o Projeto Solo na Escola/UFCG e o Programa de Ações Sustentáveis para o Cariri (PASCAR), ações extensionistas de popularização do solo, desenvolvidas em escolas de Educação Básica e em comunidades rurais.

METODOLOGIA

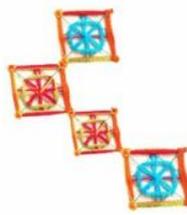
O trabalho foi organizado em quatro etapas: na primeira foi feita a fundamentação teórica com a equipe das ações de extensão, com o estudo detalhado dos conceitos apresentados por diversos teóricos que trabalharam com o tema mascote.

A segunda constou da realização de palestras nas escolas sobre a importância de se conhecer o solo. As palestras ocorreram individualmente em turmas das escolas de ensino fundamental II e médio dos municípios de Sumé e Coxixola (PB), com a sensibilização dos estudantes sobre a importância do solo e os grandes problemas em função do mau uso e manejo desse recurso natural no Brasil e no mundo.

Num terceiro momento foram elaborados editais para a escolha dos desenhos e nome da mascote do PASCAR. Os dois concursos tiveram caráter exclusivamente cultural e foram destinados aos estudantes do ensino fundamental II e médio, regularmente matriculados na rede pública municipal, estadual e particular de ensino das escolas de Sumé e Coxixola, onde estavam sendo realizadas as atividades extensionistas. Para o desenho e a escolha do nome da mascote do Projeto Solo na Escola/UFCG foi realizada uma seleção interna com os integrantes do Grupo de estudos Educação em Solos do campus universitário da UFCG, em Sumé-PB.

Na última etapa procedeu-se a elaboração, confecção e uso das mascotes nas diversas atividades do Projeto Solo na Escola/UFCG e do PASCAR.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Participaram do concurso do desenho e do nome da mascote do PASCAR três escolas, sendo duas de Sumé (Escola Estadual Professor José Gonçalves de Queiroz e Escola Agrotécnica de Sumé) e uma de Coxixola (Estadual de Ensino Fundamental e Médio Manoel Honorato Sobrinho), num total de 72 estudantes.

O desenho vencedor da mascote do PASCAR foi de uma estudante do 1º ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Gonçalves de Queiroz - Sumé PB. Ela apresentou um desenho que remetia a ideia do cuidado com o solo, trazendo um dos organismos mais importantes para a manutenção da fertilidade do solo, a minhoca. Já a escolha do nome teve como ganhadora a estudante Renata Farias Ferreira, do 8º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Manoel Honorato Sobrinho, do município de Coxixola (PB), que escolheu o nome Paspim. A aluna relatou que optou por escolher um nome incomum, mas simples, fácil de pronunciar e que guardava íntima relação com o nome do programa de extensão – PASCAR, pois considerava que as pessoas fariam associação entre ambos.

Para a mascote do Projeto Solo na Escola a idealização do desenho ficou com o estudante do curso de Tecnologia em Agroecologia Diogo dos Santos Oliveira. Para o desenvolvimento de mascote para representar o projeto buscou-se atender especificações de cores e de características de *concept design*. A ideia era de uma mascote que tivesse a aparência que se assemelhasse ao próprio solo e aparentasse identificação com a Pedologia e que também passasse a ideia de modernidade e cuidado ambiental. O ponto de partida do autor foram os perfis modais dos solos do Brasil, apresentados no Sistema Brasileiro de Classificação do Solo (EMBRAPA, 2013).

A cor que predominante das duas mascotes é a terracota, pois é a cor ligada ao solo. As mascotes têm feições simpáticas, receptivas e convidativas, agradando a crianças e adultos e remete ao entendimento do solo.

Os desenhos das mascotes expressam personalidade, Inteligência, temperamento, caráter, firmeza, criatividade e empatia, como estabelece Miguel (2012).

As mascotes desenvolvidas a partir dos concursos e seleção interna resultaram nos desenhos da Ana Terra, mascote do Projeto Solo na Escola/UFCG e Paspim, mascote do PASCAR, aplicadas ao lado das logomarcas dos projetos de Educação em Solos desenvolvidos no campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Sumé também foi realizada (Figura 1).

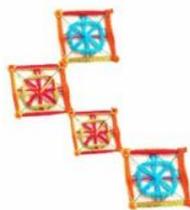
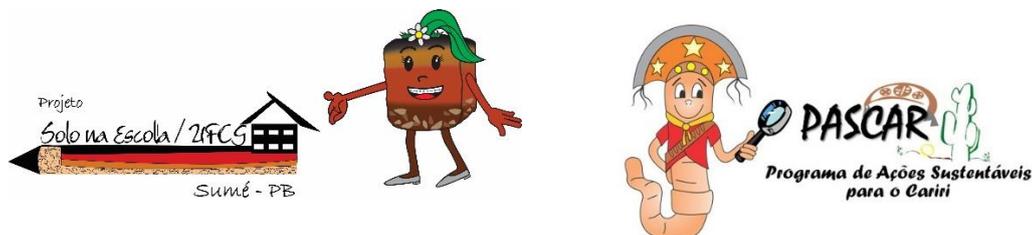


Figura 1. Desenho das mascotes ao lado dos logotipos dos projetos.



Fonte: Diogo Oliveira (2015)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A idealização das mascotes trouxe resultados positivos para dar mais expressividade ao projeto e promover maior sentimento de pertencimento junto a equipe, que participou das diversas etapas dessa construção.

Toda a proposta mobilizou a comunidade escolar, trazendo a oportunidade de dialogar sobre o solo de forma lúdica,

Desde a criação as mascotes Paspim e Ana Terra tem participado das ações extensionistas, sendo marca expressiva das atividades, o que favorece a atuação nas ações desenvolvidas e permite às crianças, jovens e público participante demonstrar afetividade em sua presença, além de fundamentar conceitos e sentimentos pelo solo, base da vida.

AGRADECIMENTOS

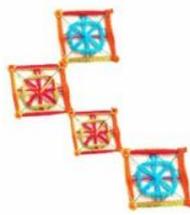
Somos profundamente agradecidos aos professores, professoras e estudantes que acompanham, participam e visitam o Espaço de Educação em Solos do CDSA/UFCEG e se preocupam em conhecer para melhor cuidar do solo, nosso maior patrimônio.

REFERÊNCIAS

BROWN, S. It's alive inside! a note on the prevalence of personification. **Irish Marketing Review**, v. 21, n. 1, p. 3 - 11. 2011.

EMBRAPA. **Sistema Brasileiro de Classificação de Solos (SiBCS)**. 3 ed. 2013. 353p.

HIGGS, R., MEDEIROS, C.; PEREIRA, F. **As mascotes na publicidade a alimentos para crianças**. Escola Superior de Comunicação Social. 2007.



LIMA, M. R. O solo no ensino de ciências no Ensino Fundamental. **Ciência & Educação**, Solo, v. 11, n. 3, p. 383-395, 2005.

MIGUEL, R. **Guia Rápido Design de Mascotes**. Teresópolis: 2AB. 2012.

MUGGLER, C. C.; SOBRINHO, F. A. P.; MACHADO, V. A. Educação em solos: princípios, teoria e métodos. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**. v. 30, n.4, p. 733-740, 2006.

SÁNSHEZ MORA, A. M. **A divulgação da ciência como literatura**. Tradução: Sílvia Perez Amato. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, UFRJ, 2003.

VITAL, A de F. M; SANTOS, R. V. dos. **Solos, da educação à conservação: ações extensionistas**. Maceió - AL: TexGraf, 2017. 94 p